

A cidade dos Profetas

A minha chegada a Minas Gerais passa por iniciações imensuráveis. Mas eu já não estava em Minas, antes de chegar à cidade dos Profetas?

Não. Aqui nunca é somente Minas!

Minas, aqui onde estou, é a culminância dialética entre o céu e a terra. Sim, o céu a que me aponta Habacuc, é por demasiado azul, neste momento, e as pedras, em sua volúpia e obstinação, se juntam para anunciar o cinza altivo de seus Profetas.

Onde estará o livro, que seja o Livro dos livros, a me dizer o que dizem os Profetas?

Eis que minhas pernas tentam se firmar diante de toda sapiência de Isaías, que me recebe com sua súpula barroca e consciência, a me dizer: todos os Profetas presentes nasceram aqui, nesta Minas marginal, tresnoitante, recortada, sulcada, altaneira e altissonante, onde o velho e o novo se misturam nos mais perenes e simétricos olhos de Amós.

Por demasia narrativa, o silêncio paira no átrio da Igreja, por sua vez, mais dura do que a dureza dos Profetas. Aqui, não é a fé que re-liga os homens ao céu, é a pedra esculpida, na mais silenciosa e afrontosa fé, na mais intensa carnalidade, que se fez verbo, através de mestre Antônio.

A pedra-sabão, artisticamente disposta pelo átrio, desliza por aquilo que o homem tem de mais profundo – sua própria pele. Esta, ínfima e protetora, é a que deseja tocar o silêncio profético deste lugar.

Ali perto, vejo que todas as pedras se aformoseiam para nos conduzir à igreja de Bom Jesus e de seu interior, que é bom, sóbrio e sensual.

Quantos séculos me separam desta tradição?!

No entanto, eles me devolvem instantaneamente todas as profecias deste tempo e de todas as Minas por onde andei.

Agora, resta-me continuar enfrentando estes Profetas, que me afetam e zombam de minha existência, nesta cidade, cujo nome é tupi só para me dizer: Congói é aquilo que alimenta!